



Esculturas de pedra-sabão criadas por Inácio Silva serão expostas no Mupa. B5

Domingo 17/04/2016



MÚSICA LOCAL. Durante muito tempo, a cena musical de Alagoas fervilhou com os festivais, em especial os universitários. Deles surgiram grandes nomes do meio artístico do Estado. Mas, com o tempo, as iniciativas foram se extinguindo. Até que, agora, um novo festival, o Em Cantos Alagoas, promete tentar resgatar esse clima

A VOLTA DOS FESTIVAIS?

LARISSA BASTOS
REPÓRTER

1979, pós-anistia. A legislação, a chamada Lei da Anistia, promulgada pelo presidente João Batista Figueiredo em 28 de agosto daquele ano, era o primeiro passo para a abertura política do País. O clima de censura imposto pelo regime ditatorial que duraria até 1985, porém, continuava no encalço dos que faziam arte Brasil afora. Por essas bandas, o alagoano Mácleim lembra bem de uma história do tipo.

Ela havia acabado de compor *Coroné* quando fora chamado para explicações. De quem trataria os versos ácidos da canção? “O censor queria saber de qual segmento das Forças Armadas era o tal *Coroné*. Se do Exército ou da Aeronáutica. Fiquei sabendo que não existe coronel na Marinha... Se fosse agora, bastava dizer que era o tipo de *Coroné* da novela”, brinca ele.

A música precisava da liberação para ser gravada no disco do Festival Universitário da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) daquele ano. Os eventos, aliás, demonstravam a efervescência política e cultural da época e, assim como acontecia em quase todo o território nacional, agitavam o meio musical de terras caetés. Foi por meio deles que foram revelados nomes como Dida Lyra, Leureny Barbosa e Eliezer Setton. Ou Júnior Almeida e o próprio Mácleim.

O cantor, aliás, lembra com saudosismo os festivais, que, pouco a pouco, foram desaparecendo até deixar uma lacuna entre os artistas locais. “O que eu entendo de especial nos festivais é a real possibilidade de vitrine para novas propostas, experimentos e expressões. Uma espécie de porta que se abre, não necessariamente para fora, mas, sobretudo, de foro íntimo, de percepção individual do artista que você se imagina ser”.

Júnior Almeida também tem boas lembranças. “Comecei minha carreira de músico profissional participando de um festival promovido pela Ufal. Estudava no Rio de Janeiro e durante uma viagem de férias fui convidado por alguns amigos para formar um grupo (Caçoa Mas Não Manga) e inscrever uma canção (*Cabeças de pitomba*) no festival daquele ano. O grupo fez sucesso e nos proporcionou muitos shows e uma presença marcante no cenário da música local”, recorda.

Agora, um novo evento pretende tentar retomar esse clima por aqui. Trata-se do Em Cantos Alagoas, promovido pelo Governo do Estado. Com inscrições abertas até o próximo dia 23 de maio, o festival vai escolher as melhores composições originais, além de premiar ainda melhores intérprete e letra. O público também terá vez e voz com o voto do júri popular.

“Isso de júri popular é interessante, porque o gosto do público nunca bate com o gosto da comissão julgadora. Foi assim historicamente. Em um dos festivais, por exemplo, foi premiado *Sabidá*, do Chico e do Tom Jobim, e o público vaiou, querendo *Pra não dizer que não falei das flores*, do Geraldo Vandré” pontua Paulo Poeta, superintendente da Secretaria de Cultura e à frente da empreitada.

Ele explica que a ideia é preencher a lacuna que ficou com o fim dos festivais universitários e do Serviço Social do Comércio (Sesc), realizado pela última vez há alguns anos. Segundo ele, havia um reclame dos artistas locais quanto à volta de competições do tipo – ainda na década de 1980, aconteceu em Maceió também o Canta Nordeste, promovido pela Globo.

“O último festival que tivemos com essa característica estadual foi esse Canta Nordeste. A partir daí, todos os festivais que aconte-

ram foram universitários ou do Sesc. Existia um reclame daqueles que fazem música, que compõem, interpretam, na existência de um festival alagoano”, expõe Poeta. “Nosso intuito é atender a isso mesmo”, acrescenta.

As inscrições podem ser feitas pessoalmente (a secretaria fica no Museu Palácio Floriano Peixoto, na Praça dos Martírios, centro da capital) ou pelo correio. Os documentos necessários, assim como o edital, estão disponíveis no site www.cultura.al.gov.br. Além da ficha de inscrição, os interessados devem apresentar três cópias da letra impressa e duas cópias da música em MP3 gravada em CD.

Podem participar residentes no Estado há pelo menos três anos e cada artista poderá submeter apenas uma música para avaliação. Ao todo, serão realizadas quatro eliminatórias – uma em Maceió e três em cidades ainda a serem definidas – entre os meses de setembro e outubro. Já a grande final está marcada para novembro, no Teatro Gustavo Leite, no Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso.

“Vamos privilegiar regiões, então devemos passar por Sertão, Zona da Mata, Agreste... Queremos descentralizar para dar acesso ao maior número de pessoas possível”, afirma o superintendente. “Quem tiver bandas prontas, formadas, pode participar com elas. Quem não tiver, o festival vai disponibilizar uma banda base para a apresentação”, explica ainda.

Serão premiados 1º, 2º e 3º lugares, que vão ganhar R\$ 6 mil, R\$ 4 mil e R\$ 2,5 mil, respectivamente. Melhores intérprete e letra e vencedor do júri popular levam R\$ 1 mil cada. De acordo com Paulo Poeta, o Em Cantos Alagoas vai ter um custo total R\$ 300 mil aos cofres públicos. A comissão julgadora ainda não foi definida e vai depender dos artistas que se interessarem em

participar do festival.

“A comissão julgadora normalmente é composta por pessoas de notório saber nos quesitos julgados, que são letra, afinação, composição, performance, no caso da interpretação de palco. Vamos procurar pessoas que tenham conhecimento nesses itens, mas é delicado já falar de nomes. Nos festivais universitários, acessamos nossos compositores, como Júnior Almeida, Mácleim Damasceno. Mas como é um festival de características estaduais, pode ser que essas pessoas participem. Então vamos esperar terminar as inscrições para ver quem não está participando”.

Poeta destaca que a procura tem sido grande e a expectativa é alcançar pelo menos a marca de 80 inscritos. Ou até mais, conta ele, otimista. “Quando o festival é universitário, geralmente se chega a cerca de 80 inscrições. Então esperamos superar isso, já que teremos abrangência estadual e temos artistas em todo canto hoje. A procura tem sido grande desde o lançamento, as pessoas ligando para pegar informações. Como havia uma demanda repressada, esperamos ter um público razoável”.

Ele também espera que a iniciativa faça o que outras do tipo fizeram ao longo da história: servir de palco para a música alagoana. “Muitos dos nossos artistas de nome hoje surgiram nos festivais, como Eliezer Setton, Carlos Moura, Júnior Almeida. Todos esses são produtos de festivais. O próprio Djavan participou de festivais nacionais. Eles são celeiros para que os artistas, mostrando seu trabalho, ganhem a notoriedade. Esperamos que seja um veículo para a nova produção, para o que vem sendo produzido. Queremos dar voz e palco a essa nova geração”.

Mas o que será que as gerações anteriores têm a contar sobre seus festivais? **Continua na página B2**